

AS ELEIÇÕES E OS CANDIDATOS MAJORITÁRIOS – AMAZONAS

Nilson Pimentel (*)

14/09/2018

Neste setembro, as reuniões do Clube de Economia da Amazônia – CEA começaram com questões inusitadas com os discursos dos candidatos aos cargos majoritários no Amazonas, como para governador, para senadores e para deputados federais, como aqueles que trazem maior impacto sobre o eleitorado.

E para os pesquisadores do CEA as preocupações estão nas mensagens veladamente incorretas, pois os candidatos mais conhecidos que participaram, de alguma forma ou do poder executivo ou do legislativo federal verbalizam em seus programas partidários seus “feitos”, que fizeram isso e aquilo, que destinaram milhões e até bilhão para aquilo e aquele projeto nos municípios do Amazonas, tantos que se pudéssemos contabilizar tudo o que falam, certamente não nos encontraríamos nessa situação que nos encontramos, degrandante economicamente.

Os economistas do CEA reputam que se tudo isso fosse apropriado à base do desenvolvimento econômico regional do Amazonas, deveríamos está no patamar econômico de uma Alemanha, diga-se de passagem.

Assim, no CEA dizemos que os caminhos dessas eleições estão incertos, mais se apresenta bem aguerrida, na qual apresenta algo fora daquele grupo político que domina o Amazonas nesses últimos 40 anos e, que se revessem no poder como se nada mudasse.

Contudo, a marca que mais se acentua nesses anos 2000 são de mudanças, sociais, econômicas e políticas, mas pelo que se ouve nos programas políticos nada disso é levado em consideração, pois continuam tratando o eleitor como idiota útil.

Como os estados federados são reflexos do que acontece no Federal, para os economistas do CEA temos dois caminhos, ou o país retoma às trilhas do crescimento econômico, no qual as reformas estruturais são necessárias, como a fiscal, previdenciária, estrutural, assim como na reforma do próprio Estado, no executivo, no legislativo e no judiciário.

Ou se retrocede à ultrapassada matriz populista que jogou o país nessa paralisia geral, com elevada taxa de desemprego, desindustrialização, total descontrole das Contas Nacionais, déficit primário e altas taxas de juros, tendo a SELIC batido no teto de 14,25% e a taxa cambial em 4,39% e que transformou parcela da população em escravo social, com a doação de “bolsas”.

Para o pessoal do CEA ressalta que na Ciência da Economia não se admite experimentos, pois os erros acarretam elevado preço para o futuro, os quais poderão alcançar as novas gerações, até para se recuperar, se caso isso aconteça.

Assim também, os resultados desta eleição poderá impactar a vida da sociedade por muitos anos a frente, ou o atraso, ou a busca do crescimento econômico, como nas próprias necessidades sociais, como no emprego das novas gerações voltados às inovações tecnológicas da indústria 4.0 e 5.0.

O que mais causa discussão nos pesquisadores do desenvolvimento econômico regional endógeno é a ausência total nos discursos dos candidatos sobre as questões econômicas que explicita os programas e projetos para desenvolvimento regional, em seus Programas de Governo, tendo por base as imensas riquezas naturais e sobre o aproveitamento dos potenciais econômicos que o Amazonas possui, sendo assim, falam, falam, falam mas não apresentam nada de concreto, de real, e nenhum Planejamento Econômico Estratégico, pois existe um vazio de

ideias criativas, inovativas.

Outra ocorrência é a comparação entre certo desempenho pontual da economia amazonense com a econômica paulista, pois os economista do CEA entendem que não há nada haver ou fazer esse tipo de comparação, pois o Amazonas é dependente do desempenho econômico somente das atividades econômicas produtivas do Polo Industrial de Manaus, que não apresenta crescimento real, mas vegetativo do que se encontra atualmente, em termos de recuperação em volume produtivo, pois os empregos vem caindo desde 2015.

Por outro lado, o que a sociedade assistiu nesses últimos 40 anos foi os governantes e demais políticos do Amazonas embevecidos com a Zona Franca de Manaus – ZFM e seu Polo Industrial de Manaus – PIM, fazendo-os deitados em berço esplendido, embotando suas mentes, tornando-os ineficientes, mas contentes e satisfeitos com os polpudos resultados econômicos do PIM, deixando-os na zona de conforto, sem que nada fizessem para o desenvolvimento econômico regional com outros projetos que pudessem ter levado o Amazonas a outro patamar desse estágio que se encontra atualmente.

Enquanto isso, o Pará caminhava em suas trilhas de aproveitamento de suas potencialidades minerais e agrícolas na racionalidade econômica, chegando atualmente no estágio de verticalização de produção de seu modelo endógeno de desenvolvimento muito bem acentuado dentro de um planejamento estratégico que o momento de mudanças exige.

Assim, também, observa-se que Rondônia perseguia seu desenvolvimento econômico regional com o aproveitamento de recursos naturais da biodiversidade na agroindústria e em piscicultura, atualmente tornando o Estado no 2º. maior produtor de peixe em cativeiro do país, depois de São Paulo, com todo aparato científico tecnológico inovativo dentro dessa cadeia produtiva.

Pergunta-se: E O AMAZONAS O QUE FEZ?

(*) *Economista, Engenheiro, Administrador, Mestre em Economia, Doutor em Economia, Pesquisador, Consultor Empresarial e Professor Universitário:*
nilsonpimentel@uol.com.br.